



Organizador

Alceu Casseb

PSICANÁLISE

Estados democráticos e antidemocráticos da mente

Reflexões acerca do artigo de Winnicott (1948)

Blucher

Estados democráticos e antidemocráticos da mente

*Reflexões acerca do artigo
de Winnicott (1948)*

Organizador
Alceu Casseb

Estados democráticos e antidemocráticos da mente

© 2025 Alceu Casseb

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Kiyomi Yamazaki e Andressa Lira

Preparação de texto Karoline Cussolim

Diagramação Estúdio dS

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Victor Sanz Casseb

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Estados democráticos e antidemocráticos da
mente : reflexões acerca do artigo de Winnicott
(1948) / organizador Alceu Casseb. –
São Paulo : Blucher, 2025.

184 p.

Bibliografia

- ISBN 978.85.212.2558-4 (impresso)
ISBN 978.85.212.2557-7 (eletrônico - epub)
ISBN 978.85.212.2556-0 (eletrônico - pdf)

1. Psicanálise. 2. Democracia. 3. Psicanálise
e política. 4. Psicanálise e sociedade. 5.
Desenvolvimento psíquico. 6. Política e
governo na psicanálise. 7. Winnicott, D. W.,
1886-1971. I. Título.

23-3532

CDD 159.964.2

Blücher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela

Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia social

CDU 159.964.2

Conteúdo

Introdução	11
1. Estados (anti)democráticos de mente: reflexões acerca do artigo de Winnicott (1948) <i>Alceu Casseb</i>	19
2. Democracia familiar: uma abordagem na perspectiva de D. W. Winnicott <i>Alejandro Palau Alonso</i>	43
3. Reflexões acerca do artigo de Winnicott (1948) <i>Cibele Maria Moraes di Battista Brandão</i>	49
4. Psicanálise e democracia – percepções <i>David Léo Levisky</i>	55
5. Uma leitura de Winnicott sobre democracia e ditadura <i>Elnay Bunemer</i>	69
6. Essa tal de democracia: utopia e realidade <i>Maria Helena de Souza Fontes</i>	77

7. Democracia começa em casa: fragilidades e transformações 93
Marlene Rozenberg
Rahel Boraks
8. Comentários a respeito do trabalho “Algumas reflexões sobre o significado da palavra *democracia*”, de Donald Woods Winnicott 109
Paulo Cesar Sandler
9. Democracia no divã 165
Vera Lúcia Colussi Lamanno Adamo

1. Estados (anti)democráticos de mente: reflexões acerca do artigo de Winnicott (1948)

Alceu Casseb

Reflexões sobre o significado da palavra “democracia”

No one pretends that democracy is perfect or all-wise. Indeed, it has been said that democracy is the worst form of government except all those others forms that have been tried time to time.¹

Winston Churchill
Speech House of commons November 11th 1947

É desnecessário assinalar que a leitura cuidadosa do artigo de Donald Winnicott é essencial para acompanhar os desdobramentos escritos neste capítulo. Também é dispensável assinalar que se trata de um ensaio que conjuga ideias sobre Política, Sociologia, Filosofia, Comunicação e História com a prática clínica de um psicanalista. Desta forma, o texto não exige conhecimento psicanalítico, nem sobre ciência política. Trata-se de criar espaço para reflexão e conversa sobre *Democracia*. Como bem disse Winnicott, este é um termo utilizado em diferentes situações e com diferentes conveniências. *Vida Democrática* é uma aproximação que procura dar conta das pessoas mais

¹ Ninguém finge que a democracia é perfeita ou onisciente. Na verdade, foi dito que a democracia é a pior forma de governo, exceto todas as outras formas que foram tentadas de tempos em tempos.

do que do sistema, mais do *modus operandi* de uma sociedade do que da sustentação de um sistema de governo.

No artigo, Winnicott faz uma correlação bastante interessante quando diz que há um significado latente nas concepções que orbitam a dita *Sociedade Democrática* e os *Estados de Maturidade*. Para ele, existe um interessante paralelo entre o potencial influenciador dos indivíduos *Maduros* e o desenvolvimento da *Democracia*. Em 1948, ele já assinalava que os indecisos, os fronteiriços do desenvolvimento, é que podiam definir o resultado do pleito.

Winnicott coloca uma perspectiva interessante quanto ao estado mental de uma sociedade. Para ele, a *Sociedade Sana* subsiste quando bem ajustada aos seus membros individuais saudáveis. Como está abordando a *Democracia*, faz referência ao ato de votar como uma importante expressão do estado mental dos indivíduos – exercer a liberdade das pessoas de virem a se expressar para a condução do coletivo. Winnicott aponta ainda que, sem que se dê conta, o indivíduo está sujeito a muitos de seus sentimentos profundos associados a diferentes equacionamentos que entram em ebullição de dentro de cada eleitor quando há escolhas. Afirma que, em uma democracia verdadeira, haveria maturidade suficiente no desenvolvimento emocional em uma proporção adequada de indivíduos que poderiam compor a maioria democrática, com isso criando e recriando a manutenção da funcionalidade democrática. Diz: “Quando pessoas saudáveis se juntam, cada uma contribui com um mundo inteiro porque cada uma traz uma pessoa inteira” (Winnicott, 1948).

Nesse sentido, Winnicott aponta para a importância de “lares comuns” como potencial medida da sustentação da condição democrática, o que é sinônimo para esse autor de *Sociedade Sana*. É, então, difícil conceber que a democracia seja feita das pessoas comuns e das suas tendências históricas, que o autor denominou de inatas. Winnicott (1948, p. 551) adentra, então, nos fatores adversos ao funcionamento de um lar comum (*ordinary good home*). Lares comuns

precisam de auxílio, de toda a ciência possível, dos serviços coletivos como educação, saúde, segurança. Eu acrescentaria ainda a cultura e o respeito, além de consistente confiança nas instituições. Como um profeta, Winnicott destacou a importância da *saúde mental* e como a deterioração do *estado mental* interrompe o desenvolvimento da próxima geração com diretrizes democráticas (nato). Assinala ainda que muitos pais não são adequados (*ordinary*), já que muitas vezes são portadores de afecções mentais, ou imaturidade, ou, mais grave ainda, quando não há prevalência de distúrbios de caráter antissocial, formando lares obstruídos e geradores de perturbações que afetam o coletivo quando se tornam mentalidades. Winnicott (1948) indaga, então, com a propriedade de um vidente: “can society see that the orientation towards these pathological features must not be allowed to affect society's orientation towards ordinary healthy homes?”²

A seguir, menciono três pontos destacados por Winnicott como fatores que restringem o desenvolvimento de indivíduos Maduro (natos):

- Atitude concreta do serviço assistencial: Winnicott assinala a questão de a ênfase recair nos cuidados com o físico, o corpo. Eu acrescentaria a isso as questões imediatistas e logísticas do ambiente em detrimento do fator relacional.
- Atitudes que afetam qualidade do início da vida: como especificação do item anterior, Winnicott enfatiza as mentalidades contra amamentar bebês, e hoje sabemos que também há a mentalidade contra as vacinas, e outras atitudes que restringem o senso de desenvolvimento humano em seu início.
- Medidas que restringem o contato da mãe com seu bebê: a questão da necessidade da licença-maternidade e paternidade, da provisão de creches no trabalho, da remuneração mínima, dentre

² “Será que a sociedade pode perceber que a orientação para desenvolvimentos patológicos afeta o desenvolvimento da constituição dos lares adequados?”

outros benefícios sociais direcionados à importância da maternidade na sociedade.

Como decorrência da perda da qualidade emocional proporcional entre Maduros e Imaturos (Winnicott, 1948), considerando o número de indivíduos, em uma sociedade que perde o predomínio dos maduros, vemos o crescimento dos distúrbios mentais como fator destrutivo das *tendências inatas democráticas*.

Fatores espoliantes do coletivo: narcisismo versus socialismo

Com a popularização da internet e do smartphone, passamos a sofrer influências marcantes de novos instrumentos moduladores do modo de vida individual que repercute no coletivo. O mundo ao qual temos acesso passou a estar exposto a um incremento e à sofisticação das “técnicas” e métodos eletrônicos capazes de gerar hábitos, comportamentos e mentalidades, visando diferentes objetivos. Possíveis objetivos podem estar relacionados a produzir consumo e, com forte apelo publicitário, gerar massificação do comportamento coletivo. Progressivamente, grupos aprenderam a utilizar os algoritmos e outros recursos de informação para gerar uma espécie de hipnose coletiva com finalidade eleitoreira. Por meio de práticas que se aproveitavam da *Imaturidade* do indivíduo, assim como de tendências hedonistas, vimos surgir doutrinas ideo-filosóficas, com ou sem fundamento místico-religioso, criando mentalidades e meios que abrangem a grande massa e a conduzem a “convicções”. Winnicott ofereceu um “antídoto” para isso em 1948, apoiando-se nos Maduros Inatos. Ele vinculou a sociedade sã ao aumento destas pessoas que sustentam a capacidade para pensar fora do mundo criado a partir dos algoritmos. Decerto, na Inglaterra da reconstrução pós-guerra, essa era uma tarefa mandatória. Fronteiras e proteção do próprio grupo, nacionalismos, esse parecia ser um caminho de proteção. A globalização demonstrou que

essa não era uma medida eficaz. As divergências e o uso da informação para gerar mentalidades que se casam com tendências humanas crescem com a voracidade de candidatos e de grupos econômicos. A população foi “educada”, ou melhor, conduzida de forma “agradável”, a se tornar adita ao uso da “tecnologia” que entretém, auxilia em funções e conduz mentalidades sem necessariamente gerar percepção. Uma espécie de pano de fundo da formação de opinião nem sempre reflete uma visão realista: da sociedade, dos governantes e das instituições.

Winnicott apontou, sem precisão, mas com perspicácia, esse ponto ao afirmar que a influência dos *maduros* sobre os “*indecisos*” é decisiva nos pleitos eleitorais. Entretanto, salientou também que o problema pode estar na complexidade da formação de caráter. Podemos nos deparar com personalidades que não se constituíram plenamente como indivíduos antissociais, mas anti-individuais (Winnicott, 1948), ou seja, com forte sustentação de seu egocentrismo que recebe acolhimento coletivo nas mídias. Com o uso da propaganda sofisticada que influencia os indecisos, mas anti-individuais, e com tendências antisociais, a democracia passa a sofrer abalos, e a geração de novos *democratas inatos* torna-se mais difícil, e a sociedade corre o risco de estar adentrando em períodos de tensão de conflitos entre grupos violentos.

A cultura egocêntrica no meio saturado

*Man's capacity for justice makes democracy possible,
but man's inclination to injustice makes democracy necessary.³*

Reinhold Niebuhr
*A vindication of democracy and critique
of its Traditional Defenses, 1944.*

Winnicott sempre destacou o início da vida como fator central na formação da personalidade do ser humano. Um exemplo disso é o

³ “A capacidade do homem para a justiça torna a democracia possível, mas a inclinação do homem para a injustiça torna a democracia necessária.”

indivíduo que foi privado de um ambiente minimamente capaz de corresponder às suas necessidades humanas, que de início é a mãe enquanto ambiente biopsicossocial e que se sofistica derivando em um mundo ao seu redor. O mundo real, no entanto, não oferece reconstituições, ou seja, reparações e flexibilidade frente às adversidades. Ele oferece condições necessárias e suficientes para o domínio de mentalidades criadas, que são oriundas das conhecidas *fake news*. Possíveis raízes de um *pensar maduro*, democrático, influenciado pelo *democrata inato*, sofrem bombardeio destrutivo com as potentes ferramentas anti-individuais associadas às condições precárias da formação do aparelho pensante. A sociedade fica, portanto, à mercê do terceiro poder, como advoga Ian Bremmer.⁴

De 1948 para 2024: novas complexidades?

Embora este tema mereça atenção detalhada e multidisciplinar, não é uma mera simplificação afirmar que não basta olharmos apenas para movimentos que produzem “polarização política”, temos que ter um olhar na formação das próximas gerações, como apontou Winnicott de forma precisa. Não paira dúvida sobre o trabalho essencial que a sociedade necessita operar para criarmos indivíduos com capacidade para pensar e manter uma atitude que possa sustentar o *Democrático*, assim como criar gerações com este *inato espírito democrático*.

A polarização e o extremismo são construções antidemocráticas e expressam socialmente distúrbios emocionais importantes. Quando o indivíduo se deixa levar por essas “ondas políticas”, ou seja, por mentalidades que precariamente substituem o pensar, suas atitudes se revestem de uma convicção cega, dificilmente pensada dentro de parâmetros de realidade. Ou seja, sem considerar a transitoriedade do momento, a

4 Cientista político norte-americano oriundo de Stanford que atua no Grupo Eu-
rasia, afirma que um terceiro poder está presente em nosso tempo como uma
superpotência, o poder digital.

história e suas questões individuais que transformam submissões emocionais em bandeiras a serem defendidas a qualquer preço. Tais reações são as que perduram e que têm bases na história perturbada de vida do indivíduo. Abaixo estão elencadas características do fenômeno identificatório que compõe o grupo anti-individual e antidemocrático:

- Fazer parte de um grupo para substituir e/ou complementar uma identidade precária que conduza a “sentir-se” protegido por tal grupo/mentalidade.
- Criar aceitação com seus pares nas diferentes vicissitudes, que sabemos ter base edípica, pois busca uma reafirmação de uma suposta não excelência.
- Sentir-se superior e autorizar-se a evacuar conteúdos insuportáveis que não foi possível digerir no grupo oposto; não apenas criando *fake news* difamatórias, assim como falsas promessas eleitoreiras, travestidas de características que compõem as bases de identificação. Tendo êxito neste intento com a tomada do poder, teremos outro desastre que inviabiliza a *Democracia*: o desmantelamento das instituições responsáveis pela sustentação do Estado Democrático.

A era digital: aceleração das ações antidemocráticas

*Democracy stands between two tyrannies:
the one which it has overthrown and the
one into which it will develop.⁵*

Paul Eldridge (*Maxims of a Modern Man*, 1965)

Em sua elucidativa narrativa, Yoko Ogawa (2021) ilumina fatos importantes do nosso contemporâneo. Em *A Polícia da Memória*, a

⁵ A democracia está entre duas tiranias: daquele que a derrubou e daquele que a desenvolverá.

autora conta a história que acontece em uma ilha imaginária onde tudo que tem valor emocional está sendo esquecido, e deve ser esquecido. Insinua que existem métodos biológicos para esse fim, detectando que aqueles que forem resistentes desaparecem. Na metáfora de Ogawa, nadar contra a correnteza significa ter que se isolar ou desaparecer para não vir a ser sequestrado. É impressionante acompanhar como a protagonista, escritora, solitária aluna de aulas de datilografia, vê sua máquina de escrever perder o sentido, e não mais conseguir articular a imaginação com a linguagem. Uma analogia significativa, delicada e indicativa de como processos de massificação conduzem indivíduos a irem contra suas próprias inclinações e como é construída uma legião de seguidores dos paradigmas instituídos que limitam as capacidades humanas.

A era digital e a questão das Influências

The first rule of democracy is to distrust all leaders who begin to believe their own publicity.⁶

Arthur M. Schlesinger (*On heroic leadership*, 1960)

Diferentemente de como fazem os textos que se supõe denunciar, ou dos pensadores pessimistas, Shull Han oferece elementos críticos sobre uma realidade emergente que encontra na transição de hábitos e de modificações no sonhar das novas gerações. Sofrerá o isolamento da *Polícia da Memória* quem não acompanhar tais “mudanças”? Eis a questão. Ou poderá vir a ter em seu encalço o Estado pelo *crime do pensamento*, como George Orwell apresentou em seu clássico *1984*? Este é um potencial futuro sombrio em que o estado virá a controlar o *pensar* da população. Decerto, passados 40 anos da data profetizada por Orwell, uma infinidade de metáforas pode invadir o

6 A primeira regra da democracia é desconfiar de todos os líderes que começam a acreditar na sua própria publicidade.

leitor sensível, promovendo uma complexa mistura de sentimentos de apreensão e de iluminação. Considerado por muitos uma distopia, a narrativa de Orwell, de fato, é uma caricatura de uma apreensão importante acerca da necessidade de ser *paternizado*, portanto sentir-se protegido e *maternizado*, ou seja, vir a ter espaço para o lúdico, a combinação “infantiloide” citada por Winnicott para o início da vida em condições de um lar comum e saudável. O vértice crítico pessimista e distópico de Orwell contrasta com a leveza e aceitação quase adaptada de Ogawa. Em Ogawa não há pessimismo, ela apresenta a saga de uma menina procurando sobreviver e salvar o que pode dentro do que consegue ver e ambicionar, suas funções psíquicas são sugadas e desfeitas com o desaparecimento das memórias. E então, diante dessas metáforas, como ficam os indefinidos para a vida democrática de uma sociedade? Estariam os *Indeterminates* que Winnicott aponta mais sujeitos à *Polícia da Memória* do que à influência dos *indivíduos maduros*? Como devemos seguir passados 40 anos do que previu Orwell no “futuro” de 1984?

Temos processos históricos bem documentados em que invasões violentas na área da formação do *Aparelho para vir a Pensar* ocorrem, destruindo a vida democrática interna do indivíduo. A identidade que conjuga seu self passa então pelo sistema de crenças, e assim se torna mais um para arregimentar novos adeptos, ou conflitos, num vai e vem de “ideologias” que caracteriza os defensores de regimes nem sempre comprometidos com a condição humana. São inúmeros exemplos estudados pelo vértice econômico. O opositor, em geral, se revolta contra o poder do *Pai Supremo*, ditador opressor que muitas vezes de fato não permite liberdades, caracteriza a tentativa de dominar concretamente e, de forma projetiva, um superego que se impõe e que não cede com o combate na realidade externa, uma vez que não dialoga com a realidade interna. Observamos na impossibilidade de vencer esse demônio projetado que o ódio canalizado para uma figura acaba se estilhaçando para fragmentos da projeção: os seguidores do *Tirano*. O

conflito fracassado constrói tanto líderes sem liderança como movimentos consequentes ao conflito vazio e dispendioso para o coletivo, cujas ideias não implementadas podem originar grupos guerrilheiros com armas sofisticadas: as técnicas da *informação*. Racionalismos e falácia passam a ocupar o pseudodebate e, em geral, um posicionamento do tipo: “meu grupo tem de vencer, nem que eu tenha que morrer”. O pai odiado e narcisista precisa ser substituído pelo herói altruísta que morreu pela causa advogada em falácias inesgotáveis.

Os que um dia foram os *Maduros* de Winnicott com cacife para influenciar, agora no mundo de Ogawa precisam apenas desenvolver um carisma que venha a cicatrizar ódios latentes quase atuados, gerar promessas de fazer desaparecer frustrações adiadas, e demonstrar força capaz de vencer os “inimigos” que ousaram ser diferentes. O pleito eleitoral deixa de ser um exercício para a vida democrática para ser uma espécie de ação que valida um grupo eleito, e adia o enfrentamento das frustrações, não as modificando, mas, como se diz popularmente, “empurrando com a barriga”. Os políticos de Ogawa precisam ser vistos como os que convencem os demais.⁷

Não é incomum o eleitor saber sobre estratégias, eleições e artimanhas. Com frequência ouvimos: “De certo modo eu sabia disso tudo, sempre soube”. Como “quase conhecimento”, habitando o sistema pré-consciente, estes fatos emocionais se associam aos fatos psicossociais, tornando o uso de algoritmos absolutamente sintonizados às defesas intrapsíquicas. Por exemplo, podemos observar inquietações infantis que, somadas a sentimentos de injustiça, seja ela mais realista ou relativa à perda de privilégios, se acalma, com conformismos turbulentos em que o indivíduo se aloja na sombra do grupo aguerrido. Em contextos menores que a Nação ou o Estado, as Instituições são microcosmos sujeitos às manobras que dominam o *Aparelho para Pensar*. “Temos que seguir a modernidade e não ficar para trás”: este

⁷ Convencer tem uma raiz etimológica que indica fazer o outro se dar por vencido.

argumento apoia-se nos benefícios das tecnologias e do movimento tecnológico que absorve o indivíduo. “Temos que ser modernos”, ou, depois de 1964, “pós-modernos, mas o movimento culturalista atual é o relativismo, esse não me agrada”, dizem os adeptos do abraçar a revolução tecnológica, ou seria manipuladora? Do outro lado os tradicionalistas repetem: “Não queria que o mundo fosse para esse lado”. Podemos até nos deixar levar a uma derradeira desistência de manter a resistência, incorporando a adaptação, fator de sobrevivência importante: “Nada posso fazer, uma vez que a denúncia cai no vazio, as forças deles são muito mais poderosas, lidam com o hedonismo, a facilitação, e a regressão infantil”. São, portanto, grupos saturados, para quem denunciar é mergulhar no vazio, criado pela própria ânsia de ser o *pai da verdade*, o ordeiro justiceiro, o convicto correto. O “relativismo inovador” precisa ser considerado pelos tipos diplomáticos que procuram um sincretismo dos grupos em oposição. Eles deixam de estar em sua geração e em seu tempo e para sobreviver têm que avançar para a atualização do sistema. Na ânsia pelo poder, há de ser do contemporâneo, confundido como não retórico; há de sair do estigma de ser conservador, pois isso é “atrasado”. Então, deve-se mergulhar nas inovações, defendendo o que não se discrimina, mas é no discurso aceitável, de um ou do outro lado do conflito, esse novo mundo atualizado que Ogawa. Este mundo será suavemente assimilado como um processo inevitável, que elimina as diferenças, criando um *Homo homogenius*, mais que *sapiens*.

Isso acontece a partir das ideias de estabilidade constitutiva nas famílias, na casa como lar seguro para a sustentação dos *Democrats Inatos*, como bem observou Winnicott, em consonância com o que afirma Hanna Arendt (1951): “as coisas do mundo que estabilizam o mundo”. Parece então que nem o pediatra, nem o psicanalista poderiam supor a emergência de uma “des-coisificação das relações”, uma guinada na direção do digital desanimado (sem ânima), sem vida, mas com a possibilidade de o usuário instituir a ânima, dar movimento a

partir das aspirações, frustrações e impotências. A “des-coisificação” facilita uma interação sem percepção, e, portanto, sem integração, do tangencial desde o interno para vivências virtuais no quase externo. Ações produtoras de prazeres fugazes e pseudoaliviantes, limitando o indivíduo e o ensinando a reproduzir sem medida estes estados. Shul-Han (2022) situa esses movimentos:

Hoje nos encontramos em uma transição da era das coisas para a era das não-coisas. Não as coisas, mas as informações determinam o mundo da vida... não habitamos mais a terra e o céu, mas o Google Earth e Clouds ... O mundo está se tornando cada vez mais incompreensível, mais nublado e fantasmagórico. Nada é palpável e tangível. (p. 13)

O tsunami de informação coloca o próprio sistema cognitivo em desassossego. Informações não são uma unidade estável. “Falta-lhes a consistência do ser”. Citando Luhmann (2021), Han aponta para o que se trata de uma cosmologia da contingência, na qual o acaso se infiltrava. Para Hume, a palavra *relação* é usada com dois sentidos principais: para designar a qualidade pela qual duas ideias são conectadas na imaginação... ou para designar a circunstância particular na qual duas ideias se unem arbitrariamente na fantasia. Restam diferentes formas de se buscar a apreensão das ideias. Hume (2000, p. 38) enumera 7 classes gerais como fonte de toda relação filosófica, o que agrupa à visão de Han um valor ainda mais evidente, relativo à invasão abusiva dos *bits*:

1. [...] Semelhança... quando uma qualidade se torna muito geral, e é comum a um grande número de indivíduos, ela não leva a mente diretamente a nenhum deles; ao contrário, por apresentar de uma só vez uma grande variedade de alternativas, impede que a imaginação se fixe em um objeto único.
2. [...] Identidade... pode ser vista como segunda espécie de relação enquanto aplicada em seu sentido mais estrito a objetos

constantes e imutáveis... de todas as relações, a identidade é a mais universal, sendo comum a todo ser cuja existência tenha alguma duração.

3. Espaço e tempo... estão na origem de um número infinito de comparações.
4. [...] Quantidade... fonte fértil de comparações.
5. [...] Qualidade... (permite identificações).
6. [...] Contrariedade... observemos que nenhuma ideia em si mesma é contrária a outra, exceto as ideias de existência e não existência que são claramente semelhantes, ambas indicam uma ideia do objeto, embora a segunda exclua o objeto de todos os tempos e lugares em que se supõe que ele não existe.
7. [...] Experiência e contrariedade das causas e efeitos ... podem revelar se são contrários.

Notamos então algumas consequências, que produzem o casamento de conteúdos “criados” (fake news) e a maquiagem da realidade, que foi conduzida para ser senso particular, distante do fato, mas tratado como inquestionável. Ou seja, um novo casamento entre o vir a saber como produto do fato casado com a emoção. Shul-Han aponta mudanças nas bases para formar o pensamento a partir das mudanças dos paradigmas que norteiam a instrumentação do aparelho de assimilação do saber. Neste, novas ferramentas, ao se utilizarem do emocional, conduzem o vir a saber, como regentes do aparelho, em vícios arquitetados com progressivos processos hedonistas não perceptíveis:

O mundo consiste em coisas como objetos. A palavra “objeto” remonta ao verbo obicere em latim, que significa opor-se, atirar contra ou objetar. Ele tem a negatividade inherente da resistência. O objeto é originariamente algo que se dirige contra mim, que se opõe e resiste a mim. Os objetos digitais não têm a negatividade do obicere. Eu não os sinto como

resistência. O smartphone é smart porque tira o carácter de resistência da realidade. Mesmo sua superfície lisa transmite uma sensação de ausência de resistência. (p. 47)

Agreguemos um saber denúncia que sempre parece redundante. Eleições recentes em países importantes, Estados Unidos da América, Brasil e atualmente Argentina, bem como outros países europeus, foram conduzidos. Também nas eleições, pela bem articulada massificação da informação, pela modulação de mentalidades através de apelos que circundam os “Estados de Mente”, são propiciados pelos 3 atrativos que estão sendo “democratizados”: 1– Jogos eletrônicos; 2– Redes sociais e suas *short stories*; 3 – *Streamings* e a “*inteligência instantânea*” do indivíduo. Haveria enganos na informação proveniente das chamadas fake news? Nesse universo digital conta mais a verdade ou o casamento agradável entre a perspectiva apresentada e o psiquismo primitivo? E a sequência dos fatos? Não há mais o ser “consequente”? Os pleitos consagram aqueles que conjugam as aspirações do maior grupo em tempos voláteis da cultura líquida? Vota-se no candidato, na personalidade do *Maduro* como sugeriu Winnicott, ou convivemos com a escolha do candidato que conjuga o conglomerado pseudoemocional do eleitor: ser *paternizado* e ter suas regalias contempladas. O candidato então se molda por meio de uma imagem/promessa minuciosamente articulada, para vir a ser o executor de aspirações retiradas do mundo “eletrônico hedonista”. Repetem-se padrões polarizados em disputadas nada ideológicas, mas creditadas na astúcia de trazer para seu grupo, por meio de massificação ardilosa, a maioria votante pelo uso de algoritmos ligados a coleta de informação indireta. Vemos nações sem memória e sem metabolização influente dos *Maduros*, sem condições de *Aprender com a Experiência* (Bion, 1967), que foram de certa forma manufaturados para padrões sob o patrulhamento da *Pólicia da Memória* (Ogawa), de forma a não cometer *crimes de pensamento* (Orwell).



O artigo de Winnicott (1948) que serviu de base aos capítulos deste livro trata de temas como:

- o valor da condição que as pessoas têm de influenciar o pensamento coletivo;
- a importância da constituição de um lar como base da vida somática e psíquica, o que pode viabilizar os recursos para o coletivo;
- o cuidado do estado com as necessidades do indivíduo como expressão da democracia;
- a influência que a cultura exerce sobre o indivíduo, observando o crescente narcisismo como fator alarmante para a democracia;
- a necessidade de substituir o eleito desviante de sua função.

Em síntese, uma apreciação precisa do desenvolvimento humano quando nos referimos às diretrizes da convivência coletiva.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2558-4



9 788521 225584



www.blucher.com.br

Blucher



Organizador

Alceu Casseb

Estados democráticos e antidemocráticos da mente

Reflexões acerca do artigo de Winnicott (1948)

Blucher

PSICOANALISE

Editora Blucher

Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Estados democráticos e antidemocráticos da mente

Reflexões acerca do artigo de Winnicott (1948)

Alceu Casseb (Org.)

ISBN: 9788521225584

Páginas: 184

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
